



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6153 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

Autorreflexão ou a falha no coração do diamante: Bento Prado Jr. e o recurso habermasiano à psicanálise

Marcelo Ricardo Nolli - UPF - Universidade de Passo Fundo

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES/PROSUC

AUTORREFLEXÃO OU A FALHA NO CORAÇÃO DO DIAMANTE: BENTO PRADO JR. E O RECURSO HABERMASIANO À PSICANÁLISE

Este trabalho procura discutir o conceito de autorreflexão a partir da crítica ao recurso habermasiano à psicanálise empreendida por Bento Prado Jr. no ensaio *Auto-reflexão, ou interpretação sem sujeito?* (1983). À medida que o campo da educação tem produzido no Brasil, desde o fim do século passado, profícua interlocução com o texto psicanalítico por meio do trabalho de pesquisadores como Lajonquière (1997, 2000, 2002), Voltolini (2007, 2011), Kupfer (1999, 2000) e Pereira (2005, 2006, 2013), talvez seja importante de resgatarmos algumas ideias que julgamos importantes a partir da breve incursão de Bento Prado Jr. pelas veredas da psicanálise, o qual possuía profunda preocupação com o *lugar do sujeito* na contemporaneidade (PRADO JR, 2004; SIMANKE, 2007). Essa preocupação dialoga intimamente com a filosofia da psicanálise, sobretudo em se tratando de sua interlocução com o campo da educação, ao pensarmos o sujeito marcado desde seu ingresso na cultura pelo inconsciente a partir de suas inconsistências e ambiguidades. A esse respeito, como nos lembra Safatle (2007, p. 17), se há algum ensinamento que Bento Prado Jr. pode ter deixado, “foi como era possível fazer filosofia a partir daquilo que aparece à experiência contemporânea na condição de ‘farrapos’: material descontínuo e aparentemente irreduzível à costura da reflexão”. Trata-se neste caso, portanto, de nos atermos àquilo que não se reduz à restituição da imagem límpida e transparente do sujeito da reflexão, e discutir em que medida tal perspectiva pode apresentar impasses – talvez intransponíveis – ao campo da educação. Apresentaremos o seguinte horizonte interpretativo: afirmar a autorreflexão neutraliza a descoberta freudiana do inconsciente, de modo que não podemos nunca nos esquecer da irreduzibilidade do pulsional e do inconsciente aos processos de autorreflexão. Em que pese essa perspectiva ser bastante ampla, pode nos ser válido refletirmos sobre ela a partir da discussão do conceito de autorreflexão no recurso habermasiano à psicanálise.

Deste modo, para Prado Jr. (1983), Habermas realiza uma leitura de Freud “colonizadora” da psicanálise, fundada numa perspectiva hermenêutica e em chave intelectualista, que vê o processo da interpretação inaugurado pela prática clínica psicanalítica como um jogo em que o *sentido* deverá ser recuperado de sua situação deformada pelo

inconsciente. É como se tanto o sentido, quanto o inconsciente fossem autoevidentes em sua posição puramente invertida; como polos distintos do mesmo empreendimento linguístico, ao qual Freud traria o processo de interpretação para o primeiro plano, de forma a desvelar o que jazia oculto e recalcado, ao traduzir – como em duas línguas que apesar de distintas permitem uma reciprocidade de sentido. Ora, para Prado, essa “idéia é bonita e certamente fecunda. Mas não impede que ela implique necessariamente [...] *uma neutralização radical da descoberta básica de Freud – a idéia do campo do inconsciente*” (PRADO JR., 1983, p. 55, grifo nosso). Pois, se essa dimensão intelectualista se funda sob um processo de interpretação, de irrupção do sentido através da análise, para Habermas, então, esse processo seria uma forma de autorreflexão. No entanto, Prado Jr. (1983, p. 56, grifos do autor) toma com suspeita essa leitura hermenêutica de Freud:

[...] é surpreendentemente, ao nível da *técnica analítica*, que nosso autor vai buscar as provas de que, ao contrário do que pensa e diz Freud, a psicanálise é uma forma de auto-reflexão. Analisar não é tornar consciente o inconsciente? Habermas conclui: aí está o nervo da reflexão. Bom leitor de Freud, Habermas não ignora, aparentemente, que essa "reflexão" não tem nenhum caráter cognitivo, embora possa levar a uma mais fina consciência de si.

Todo o processo de análise revelaria, por fim, através da dissolução das resistências ao nível afetivo, o inconsciente – como que límpido e translúcido. O trabalho do analista seria, em meio a esse processo, o de “instruir” o analisando a um trabalho de autorreflexão através da interpretação do sentido desconhecido, de modo que a técnica analítica produzirá hipóteses que permitirão ao analisando recordar sua história, seu passado, e seu conteúdo oculto a si mesmo sob a influência do recalque, em direção à mais plena consciência-de-si. O verdadeiro sentido oculto, deformado pelo inconsciente, para Habermas, só poderia ser captado nos *jogos de linguagem* que estruturam a psique e aos quais o analista serve de suporte; um suporte que termina por expor – por meio da dialogicidade comunicativa – aquilo que o analisando ainda desconhece e que promove, por sua vez, o movimento da autorreflexão. Vislumbra-se aqui um tema recorrente na obra de Habermas, isto é, o da ação comunicativa, que podemos situar numa tentativa de resgate da *Vernunft* de seu esgotamento sob o projeto da modernidade.

Assim, Prado Jr. (1983) elencará três aspectos presentes na leitura feita por Habermas, que reconstruam, a partir da técnica analítica, a hermenêutica como autorreflexão. São eles: 1) Paixão da crítica: paixão e razão se reencontram sob a gramática do conhecimento e do afeto; tanto o aspecto cognitivo quanto o aspecto afetivo se reúnem sob o progresso analítico que remete ao interesse do conhecimento de si, que só é possível por meio do processo da autorreflexão. 2) Razão moral: a partir do recurso à dialética hegeliana, Habermas infere que o sujeito, no processo de análise, toma responsabilidade por sua culpa, reconhecendo com isso a responsabilidade, também, por sua própria dor. Habermas localizará aqui uma relação autorreflexiva com a moralidade. 3) Análise didática: aqui, para Habermas, a psicanálise evidenciaria seu argumento de forma mais incisiva. Pois se para o analista poder trabalhar sem se deixar influenciar por seus próprios conflitos é necessário que passe pela análise didática, de modo a que ele mesmo tenha estado, previamente, no lugar dos seus analisandos, que seja ele mesmo formado sob uma perspectiva que *olhe para si* e se perceba como não alheio ao objeto – ou ao analisando –, mas sim influenciando-o e fazendo parte desta relação; é aqui que Habermas irá situar, como diferente da relação médica tradicional – puramente técnica –, a implicação do *sujeito* neste processo. Ora, a dialogicidade estaria, portanto, na base da própria relação analista-analisando proposta pela psicanálise.

Contudo, Prado Jr. (1983, p. 57) concluirá que ao falar de conhecimento e afeto “Habermas passa ao lado da psicanálise, onde só se trata de pulsões cegas ou de um reencontro consigo mesmo que não restitui jamais a identidade diamantina ao Sujeito”. O Eu

da psicanálise, segundo ele, nada tem a ver com o sujeito do conhecimento ou com a natureza da Razão. O custo de uma leitura como essa reside no fato de negar a dimensão de *suposição* presente na relação analista-analisando, uma relação que se esboça com o saber, ou, ao menos, com uma suposição de saber que parte do analisando para o analista. O sujeito *suposé savoir* – encarnado na figura do analista – se encontra num outro registro daquele do *sujeito real*, e este o processo de análise deve deixar de lado se quiser encontrar as vias que permitirão ter seu curso. É como se, neste caso, ao se fundamentar na prática de análise, e compreender a relação analista-analisando como entre dois sujeitos *reais*, como duas *identidades*, Habermas está a negar a dimensão imaginária que sustenta essa relação.

No que se refere à metapsicologia freudiana, Habermas criticará o naturalismo da psicanálise (esse que seria próprio à forma com que Freud compreendia as dinâmicas entre inconsciente e pré-consciente, ou entre o aspecto econômico e dinâmico do pulsional), ao colocar em primeiro plano os *jogos de linguagem* e a dimensão da *comunidade do discurso* – o processo se dá com vistas de ir da interpretação à autorreflexão; Habermas entenderá que o processo de adoecimento ocorre “como efeito de uma *excomunhão*, isto é, de uma privatização da linguagem, que deve ser percorrida a contracorrente, na clínica, definida como reaprendizado do *logos* como *dia-logos* [...]” (PRADO JR., 1983, p. 60). Neste caso, trata-se de uma linguagem privatizada que, em seu estado de sintoma, não pode emergir em sua forma pública. É privatizada porque ela foi confiscada do discurso público, houve uma excomunhão. Por isso, o trabalho inverso – percorrido a contracorrente – permitiria a emergência da reflexão no diálogo entre analista e analisando – e, por sua vez, a reaprendizagem da linguagem privada para a pública. Como observa Prado Jr. (1983, p. 55, grifos do autor):

O curioso, nesta leitura de Freud, a partir da *novapragmática*, é que a oposição entre normal e patológico vem a recobrir a oposição entre público e privado, entre *linguagem comum* e *linguagem privatizada* ou destruída enquanto linguagem. O sonho, como a doença de que é o paradigma, nada mais é do que uma desgramaticalização da linguagem comum. A análise passa, então, a ser um reaprendizado da gramática, um treinamento intensivo para a retomada competente dos diversos jogos da linguagem.

Percebe-se aqui onde a leitura intelectualista de Habermas acerca da psicanálise pode nos conduzir: em uma psicologia do Eu, em uma dimensão em que a autorreflexão esteja associada à linguagem pragmática do Eu, este como identidade diamantina. Não à toa, Prado Jr. (1983, p. 61, grifos do autor) afirmará que Habermas, ao tornar “a análise numa forma de ‘auto-reflexão’, reduz a psicanálise a uma psicologia do *eu*. O *eu*, essa ilusão que justamente a psicanálise veio destruir, mostrando que há *necessariamente* uma falha no coração do diamante”. Esse é o núcleo central da crítica levada a cabo por Prado Jr., e é onde podemos vislumbrar de que se trata o “esquecimento” ou “neutralização” do inconsciente na leitura habermasiana da psicanálise a que Prado Jr. se refere. Ao não atentar à falha no coração do diamante – à dimensão que por ser inacessível é o que produz, constantemente, formas particulares de sofrimento, que se articulam simbolicamente a sintomas de todo tipo, a atuações de todo tipo, que estão além do sujeito da consciência, que estão além, inclusive, das reduções do Eu a uma unidade real, posto que são determinantes de todos os seus furos, todas as suas inconsistências e descontinuidades; é justamente a negação da negatividade, da neutralização da subversão freudiana desde o início na base da psicanálise, que Prado Jr. está a falar aqui em sua crítica a Habermas. Ou, conforme observa: “Mais uma vez insisto no vocabulário, que jamais é inocente. Identidade, *Selbst*, ego, toda uma série de noções, que a psicanálise descreve como o resultado, é aqui reconduzida ao éter do idealismo alemão e sua linguagem, soterrando a revolução freudiana” (PRADO JR., 1983, p. 62).

Ora, o primeiro passo aqui, para não cairmos no campo da afirmação de *restituição* de

um sentido perdido em direção a um fortalecimento do Eu tal qual a *ego psychology*, é o de situar os modos de sofrimento e as gramáticas que ordenam a realidade social como marcados temporalmente. Isso quer dizer que a sintomatologia psicanalítica tem uma relação histórica com os modos de ordenamento subjetivo que os sujeitos lançam mão para se haver com situações de sofrimento psíquico – os próprios modos de sofrer são condicionados temporalmente. Freud não era desatento a isso, apesar de, no certeiro diagnóstico de Habermas, ser possível de vislumbrar como o próprio pai da psicanálise desconhecia o escopo de sua descoberta, ainda a compreendendo como uma teoria que se inseria no campo das ciências naturais (HABERMAS, 2014). Sua prática clínica mostrará como a história subjetiva é sempre a tentativa de narração empreendida na busca de ordenamento de sentido à experiência; o mesmo vale para as formações de sintoma, que são formações de compromisso com os conteúdos reprimidos, ou, como Freud nos lembrará, na forma com que a própria humanidade se enreda nas vias relativas ao que não pode emergir no discurso prático senão pela forma de sintomas, *a posteriori*, em todo seu peso de *verdade histórica* (FREUD, 1937/2018b). No entanto, o que Bento Prado Jr. parece querer mostrar é que não há possibilidade de que a rememoração consiga apreender plenamente o inconsciente e o pulsional, em razão de que há uma negatividade que passa ao largo da consciência; é como se Habermas não se desse “conta da espessura do inconsciente” (PRADO JR. 1983, p. 62), compreendendo-o muito mais como um estado, do que como uma instância psíquica. O que se neutraliza, na interpretação de Habermas, portanto, “é a irreduzibilidade do pulsional aos processos de auto-reflexão. Uma irreduzibilidade que aparece nos textos freudianos através da tensão cada vez mais insuperável entre rememoração e repetição” (SAFATLE, 2004, p. 288).

Com efeito, a obra de Freud em sua fase final vê redobrado interesse nos temas aos quais a psicanálise preferiu deixar de lado: a virada em seu pensamento – que segue uma continuidade – por meio da introdução da *pulsão de morte* como aquilo que está além do princípio do prazer pode ser entendida como uma das formulações que retoma aspectos negados *dentro* de sua própria construção teórica; é por isso que Freud (1937/2018a) em *Análise terminável e interminável* se indagará sobre a possibilidade de término de um processo analítico, e sobre aquele rochedo ao qual – parece – que nenhuma palavra consegue entrar, sobre o qual há uma certa reverência àquela condição, inerente à subjetivação, de haver sempre algo que a escapa, algo que recusa à harmonia, que recusa a completude, que não se estabiliza e não deixa nunca de se inscrever, repetidamente. Para além da especulação metapsicológica, esse é um dos pontos nodais da psicanálise freudiana, ao qual o conceito de desamparo serve de fundo conceitual à medida que traz em cena a condição ontológica primordial do ser humano.

Frente a isso, gostaríamos de retomar as questões levantadas no início do texto. No que diz respeito à educação, nos parece importante de reconhecer esse campo de indeterminação e inadequação que se mostra visível na própria constituição do sujeito. Isso quer dizer que o reconhecimento do inconsciente é imprescindível, primeiro, para compreender o ser humano como marcado, desde sempre, pela dimensão de *falta*, que deve estar reconhecido nos processos educativos, principalmente à medida que normalmente não se quer saber nada disso (LAJONQUIÈRE, 1997). Mais do que instrumentalizar o recurso à psicanálise, a partir de algum “auxílio” que ela nos possa oferecer ao campo educativo, vale atentar a essas inadequações próprias ao sujeito que ela expressa sobre a constituição do ser humano. Isso, certamente, não implica em dizer que a psicanálise pode solucionar os problemas da educação ou salvá-la, mas implica em pensar o lugar do sujeito – este que Freud subverte com a criação da psicanálise – de uma outra perspectiva. O que procuramos fazer ao longo deste texto é dizer que Bento Prado Jr. trata da psicanálise de uma perspectiva menos intelectualista ou pragmática e mais atenta às suas impossibilidades, aos seus impossíveis, àquele sujeito que nunca é restituído em sua imagem diamantina, pois há necessariamente uma falha no coração do diamante. Se estivermos atentos ao que nos diz

Freud, o processo da autorreflexão não pode tornar invisíveis as cicatrizes próprias à constituição da subjetividade.

Mas cumpre confessar “desde já, que *no sabemos el caminho*” (PRADO JR., 2004, p. 14). Mais válido talvez seja indicar que na fase final de sua obra Freud tenha nos dito exatamente isso. No entanto, tal perspectiva trágica não pode nos imobilizar ao lermos, por exemplo, a reverência – para alguns chistosa e para outros fatalista – de Freud (1937/2018a, p. 319), ao afirmar que “É como se analisar fosse a terceira daquelas profissões ‘impossíveis’, em que de antemão se sabe que o resultado será insatisfatório. As outras duas, conhecidas há muito mais tempo, são educar e governar”. Ao contrário, que renunciemos à busca por uma identidade diamantina quando tratamos de educação, eis um dos aspectos que propusemos desenvolver ao longo deste texto nos amparando na leitura de Prado Jr. sobre a radicalidade da descoberta freudiana do inconsciente. Pois como Prado Jr. observa: “Na minha opinião, a psicologia contemporânea (seja psicanálise, neo-behaviourismo, etc.) quando bem feita, no que tem de mais agressivo e agudo, implica na dissolução da idéia clássica de sujeito e de auto-reflexão”.

PALAVRAS-CHAVE: Autorreflexão. Sujeito. Psicanálise. Bento Prado Jr. Educação.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937). FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018a. p. 274-326.

FREUD, Sigmund. Construções na análise (1937). In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018b. p. 327-344. v. 19.

HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e interesse*. São Paulo: UNESP, 2014.

KUPFER, Maria C. Freud e a educação, dez anos depois. *Revista APPOA*, Porto Alegre, n. 16, p. 14-28, 1999. Disponível em: <<http://www.appoa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista16.pdf>>.

KUPFER, Maria C. M. *Freud e a educação: o mestre do impossível*. 3. ed. São Paulo: Scipione, 2000.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. Dos "erros" e em especial daquele de renunciar à educação: Notas sobre psicanálise e educação. *Estilos da clínica*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 27-43, 1997. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v2n2/04.pdf>>.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. Freud, sua “educação para a realidade” e a ilusão (psico)pedagógica de nossos dias. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 15-23, 2000. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/47306>>.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. *Infância e ilusão psicopedagógica: escritos de psicanálise e educação*. Petrópolis: Vozes, 2002.

PEREIRA, Marcelo R. “Deuses de Prótese”: sobre os mestres de nossos tempos. *Estilos da clínica*, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 81-107, 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/46005>>.

PEREIRA, Marcelo R. *A impostura do mestre: da antropologia freudiana à desautorização moderna do ato de educar*. 2005. (Tese – Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, 2005.

PEREIRA, Marcelo R. Os profissionais do impossível. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 485-499, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S2175-62362013000200008>>.

PRADO JR., Bento. Auto-reflexão, ou interpretação sem sujeito? Habermas intérprete de Freud. *Discurso*, São Paulo, n. 14, p. 49-66, 9 jun. 1983. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/agora/v7n2/v7n2a07.pdf>>.

PRADO JR., Bento. *Erro, ilusão, loucura: ensaios*. São Paulo: Editora 34, 2004.

SAFATLE, Vladimir. O filósofo e suas lágrimas. *Artefilosofia*, Ouro Preto, n. 2, p. 203, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/raf/article/view/785/741>>.

SAFATLE, Vladimir. Auto-reflexão ou repetição, Bento Prado Jr. e a crítica ao recurso frankfurtiano à psicanálise. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 279-292, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/agora/v7n2/v7n2a07.pdf>>.

VOLTOLINI, Rinaldo. O discurso do capitalista, a psicanálise e a educação. In: LEITE, Nina V. de A.; AIRES, Suely; VERAS, Viviane (Org.). *Linguagem e gozo*. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 197-212.

VOLTOLINI, Rinaldo. *Educação e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011